

# ÁFRICA DO SUL PELAS REMINISCÊNCIAS DE COETZEE

SOUTH AFRICA INSIDE OF COETZEE'S REMINISCENCES

Núbia Aguilar<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História Social pela Universidade de São Paulo.

**Resumo:** Este trabalho visa apontar uma leitura que permita dialogar com aspectos da sociedade sul-africana representados na obra *Infância*, de J. M. Coetzee. Por meio da forma como os acontecimentos foram organizados, e expostos na trama, ressaltamos a memória como elemento basilar na construção dessa escrita e propomos analisar alguns pontos sobressalentes dos fios que amarram os eventos progressos. Gênero e raça foram dois marcadores selecionados para buscarmos entendimento sobre a visão que um personagem dispõe para construir seu mundo, em partes coincidentes com a própria vida do autor. Tal exercício nos guia por percursos socioculturais localizados em tempos vividos, rememorados e registrados.

**Palavras-chave:** *Infância*, J. M. Coetzee, memória, narrativa.

**Abstract:** From “, this work tries to create a dialogue with the aspects of South African society presents in the narrative *Boyhood: Scenes from Provincial Life*” of J. M. Coetzee. Through the way the events were organized and exposed in the narrative, we emphasize the construction of memory as a base element of this writing, and we’ll analyze other points about the past events. Gender and race were two highlighted markers for the search for the world look of a character that in part constitutes the author’s life, and in the guides on sociocultural paths fought in times lived, remembered and recorded.

**Keywords:** *Boyhood: Scenes from Provincial Life*, J. M. Coetzee, memory, narrative.

*Infância* foi lançado originalmente em 1997 com o título em inglês “*Boyhood: Scenes from Provincial Life*”. O exemplar utilizado para fazer esta reflexão foi publicado no Brasil pela Companhia de Bolso, em 2010. Nos 19 capítulos que compõem a obra são expostos acontecimentos que partem de experiências de um garoto que vivia no território sul-africano, cenário em que formou suas primeiras relações e construiu valores sociais, em certa medida, partilhadas com o próprio autor. As categorias de distinções sociais são representadas ao longo da escrita. O binarismo homem e mulher, diferenças de raça e classe, são marcadores que conduzem a narrativa e tingem uma trama sobre os percursos de um indivíduo, durante o período da infância. Este recorte explana normas presentes na vida de um menino branco, em um território com tensões, fortemente marcado pelo aumento da segregação racial.

Na obra, o personagem principal é também o autor – John Coetzee. David Coad (1998) discute sobre como o autor, ser também o narrador, torna sua vida lugar de observação e a transpõe em um enredo autobiográfico construído em terceira pessoa, e, para isso, lança mão do momento da escrita para registrar o vínculo com eventos passados. As memórias, substratos do texto de Coetzee, são construídas no tempo presente, possuem vínculo com a vida social, variam conforme condicionantes de tempo e espaço, em sociedades com o predomínio da oralidade e/ou concomitante aos códigos da escrita, e podem ser utilizadas tanto para atender a

grupos sociais, quanto servir a interesses individuais (LE GOFF, 2013).

Na narrativa, o menino tem sobrenome africâner, mas reivindica uma identidade inglesa. Estudou em uma escola com turmas divididas em grupos, entre os quais não queria pertencer a classe dos meninos africâneres. Utilizava-se da religião católica, associada aos ingleses, como subterfúgio para pleitear a identidade com a qual se identificava. Em seus pensamentos, confabulava padrões comportamentais de todos que os circundavam, como uma estratégia para possibilitar aos leitores e leitoras uma maior proximidade da visão nutrida sobre os demais personagens da trama. Estas características gerais retratam o personagem principal, concessão de vida para Coetzee sobre Coetzee, em diálogo com o seu passado, publicada quando o autor estava em torno de seus cinquenta anos de idade.

O livro *Infância* será utilizado para estudarmos algumas dinâmicas sociais desenvolvidas no atual território da África do Sul, em meados do século XX. A contar com espessuras próprias, decorrentes das especificidades da região, precisamos considerar, para a análise deste período, os efeitos das leis discriminatórias promulgadas no território ao longo do século XX. Uma leitura sobre o passado sul-africano utiliza, com frequência, o período histórico do apartheid como referência, apresentado, geralmente, como a apartação de espaços e direitos entre os grupos sociais considerados pelo regime como brancos e não brancos.

Fruto de uma conjuntura específica, o apartheid pode ser lido como uma política de governo que levou ao extremo a segregação (DUBOW, 2014). No entanto, para o entendimento desse regime é importante contarmos com as nuances de um projeto baseado na ideia de distinção entre pessoas, intensificado no território desde a formação da União Sul-Africana, em 1910. As primeiras décadas do século XX, antes da institucionalização do apartheid em 1948, foram marcadas pela promulgação de leis discriminatórias, como a Lei de Terras de 1913 (*Natives' Land Act*), que ao dividir o território, deixou 7% para, aproximadamente, 5 milhões de africanos (GOMES, 2015).

Entremeio às leis duras, os discursos políticos, as bandeiras partidárias, e tantos outros emblemas recorridos para consolidar os desejos nutridos por representantes políticos (sobretudo homens brancos), encontramos manifestações que nos guiam para outras histórias. A literatura é potente neste sentido. A consolidação, ou tentativa de transfiguração de desejos em registros escritos, percorre imaginários até a constituição de nomeações que ganham outras formas na escrita, como uma expressão que representa conteúdos vistos, sentidos e com os quais interagimos. Conceição Evaristo salienta que “Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção” (EVARISTO, 2017, p. 12). A partir desta característica da composição literária, analisamos a década de 1940, e algumas dinâmicas

desenvolvidas no território sul-africano, a partir do olhar de John Maxwell Coetzee.

A obra de J. M. Coetzee possibilita uma reflexão acerca de seus elementos constitutivos, entre os quais valores da sociedade sul-africana, sob o ponto de vista de um narrador, são expostos. O objetivo também se direciona em ressaltar como *Infância*, entremeio as camadas que constituem sua escrita, adquire a posição de informante, ao ser fruto de um exercício de revisitar o passado para construir e registrar memórias. Deste panorama, podemos argumentar sobre pontos vultosos na obra – como gênero, raça e identidades – para se entender relações presentes na sociedade sul-africana em um período em que as práticas e políticas de segregação se estruturavam. Os temas selecionados serão interpretados a partir da presença e modo de exposição na obra, a contar com diálogos com áreas afins, como a teoria e escrita da História, subsidiária de conhecimentos propícios na investigação de eventos passados e do tempo presente para a construção dos fragmentos memorialísticos, tão característicos deste livro de Coetzee.

A complexidade de *Infância* é percebida, também, na própria escrita que entrelaça autobiografia e ficção. Mesmo com o reconhecimento das características intrínsecas à escrita autobiográfica, assinaladas no século XIX por Wilhelm Dilthey, e suas implicações da concepção da subjetividade e interações com o universo de imersão (LOUREIRO, 1991), não nos ateremos às

especificidades do gênero. Nossa atenção se prende aos elementos sugestivos de percursos sociais dialogicamente organizados e apresentados por um livro específico de Coetzee.

As informações memorialísticas, embebidas em valores presentes nas experiências do autor, são movimentadas no tempo da escrita para se criar as representações sobre o passado – deste modo, suas cicatrizes (de Ulisses e de Coetzee) retomam referências próprias para a construção de identificações e o escrutínio de sua *mimesis* (AUERBACH, 1971). É importante dizer que a memória é também um campo de disputas, forjada no presente e conta com seleções para a sua construção (POLLAK, 1989). É possível a ocorrência da interferência, decorrente de intencionalidades, na narrativa construída por Coetzee, o que não a afasta de uma análise social e, ainda menos, da presença de outros agentes históricos cooptados por seu olhar. A imersão em sua escrita constitui-se por assinalar repetição, apresentação e ordenamento de elementos vinculados a uma visão de mundo, denunciativa dos interesses do autor, mas que abre uma fresta para outros elementos circundantes a trama em torno da vida de um menino. No objetivo delineado, tentamos compreender a construção desse trabalho literário em consonância a uma representação da sociedade, a refletir os dilemas residentes em raça, gênero e identidade.

A composição dos personagens, suas caracterizações e a contextualização dos referenciais localizados em um

passado são algumas das balizas selecionadas para este estudo. Os estratos de *Infância* perpassam pela produção de um autor reconhecido na literatura mundial. Quando a publicou, Coetzee já tinha familiaridade com a escrita. Seu primeiro livro, “*Dusklands*”, saiu em 1974 (HEAD, 2009). Neste exercício visitamos a dicotomia referência e referencial (representação e objeto), diante do movimento que surge para materializar o passado em narrativa literária com traços autobiográficos.

Como os fios de um tapete (GINZBURG, 1989), uma obra literária também pode ser entendida como composta por fios que se unem para formar a tessitura de uma representação social; uma perspectiva da realidade, implicada em interpretação e construção de sentido sobre a mesma. O que se observa neste trabalho de Coetzee faz parte da autobiografia ter por método a experimentação, a vivência. Assim, essa escrita pode ser entendida como relato compartilhado, com a inclusão de experiências subjetivas, apresentadas em conexão com os sentidos atribuídos também pelo conjunto social, que dividia com o autor referências e códigos, intrínsecos aos seus valores. Como destaca Todorov, “Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente” (TODOROV, 2009, p. 24).

Ler *Infância* é acompanhar o percurso que Coetzee escolheu contar para nos aproximar daquilo que

considera parte de si, por meio de um personagem que lhe é íntimo. Tem o seu nome, sua família e, talvez, o que nos cabe analisar de modo minucioso, elementos que rodeiam seu imaginário e imperaram no passado. Nesta transversalidade, ficamos de frente aos modos como uma criança considerada como branca se relacionou com outros agentes sociais em um momento em que uma política racista e discriminatória se enrijecia. Esta construção discursiva parte do que Carlos Fuentes (2007) apresenta como a dimensão de subjetividade coletiva da literatura, em que os rastros menos perceptíveis podem também ser os mais dinâmicos, inter-relacionando a subjetividade encarnada na coletividade e na cultura. A contar com Todorov (2009, p. 76):

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro.

A potencialidade do trabalho de Coetzee *é de um alcance difícil de mensurar*. Entremeio a muitas abordagens, utilizamos o argumento de Todorov (2009, p. 78), em que “[...] a obra literária produz um tremor de sentidos, abala nosso aparelho de interpretação simbólica, desperta nossa capacidade de associação e

provoca um movimento cujas ondas de choque prosseguem por muito tempo depois do contato inicial”.

Além do deleite, de ter em mãos esse livro, em conexão a algumas preocupações próprias da História, nos atraímos pela importância da realização da construção do discurso narrativo, que ao cair no espaço público – momento de visita ao universo de *Infância* por diferentes pessoas – aciona sua condição de vivo e atuante. A obra possui a capacidade de (re)construir referências para imaginários do que foi – ou pode vir a ser – a África do Sul do enredo. Mais do que isso, tem-se a fabulação de ideias sobre indivíduos, a partir de elementos fornecidos e utilizados para identificar pessoas e grupos em uma determinada realidade, colaborativa para a construção de representações. Por este ângulo, os personagens de *Infância* também são potentes ao habitar imaginários coletivos (ECO, 2010). Por isso, reiteramos a tarefa de compreender como eles são apresentados, à espreita de outras discussões sobre o tema.

## 1 Uma leitura sobre gênero em *Infância*

Dentro das marcas aparentes, as diferenças de gênero – como identificadores homem e mulher – sobressaem na construção da figura materna e paterna de Coetzee. Em suas relações o pai é menosprezado, mas a mãe recebe os adjetivos depreciativos. A fazenda, que

ambienta parte do enredo – Voelfontein –, era o lugar onde caçava com o pai. A mãe aparece como “Incapaz, por ser mulher, de caçar, incapaz até de caminhar pela savana, aqui ela está em desvantagem” e “o que não consegue entender sobre a mãe é que, embora ela seja tão estúpida que não consegue ajudá-lo com as lições da quarta série, seu inglês é impecável, especialmente quando escreve” (COETZEE, 2010, p. 97).

A descrição relega a personagem a um espaço de desprezo e, ainda que ela tenha qualidades, estas são ameaçadas pelas supostas incapacidades. Entremeio aos momentos de descrição sobre a mãe, surgem conflitos mediante ao vínculo de parentesco. Se em comparação com o personagem masculino (pai) não existe uma diferença aguda sobre as características negativas que ambos carregam, ainda assim, a mãe nos traz nuances do papel da mulher considerada como branca na sociedade sul-africana.

As mulheres brancas também eram atingidas e reagiam às categorias raciais, intimamente ligadas ao patriarcado. Consideradas como brancas – e em grande parte dos casos detendo privilégios, se comparadas a mulheres consideradas de outros grupos sociais –, partilhavam de modos de vida e experiências integradas a este marcador, o que não é suficiente para se pensar em um grupo homogêneo. Em um panorama geral, podemos pontuar discussões associadas à dimensão das múltiplas vivências e experiências que integraram a vida de algumas destas mulheres. Mulheres brancas,

enquanto identidade social e instrumentalizada pelo poder político, envolveu sobretudo africâneres, migrantes e descendentes europeus, principalmente de ingleses. Ainda que a mãe do personagem fosse de ascendência alemã, os traços que marcam sua construção envolvem situações de outras mulheres brancas que partilhavam de experiências próximas.

As articulações realizadas por estas mulheres, e suas histórias, tanto no ambiente público, quanto no privado, são muitas. Mesmo com privilégios concedidos dentro do crescente sistema de segregação, o lugar ocupado por elas, de muitas maneiras, se apresenta como distante das posições assumidas por homens considerados como brancos naquela sociedade. Indo além da figura materna criada por Coetzee, alguns dos possíveis papéis expostos auxiliam na compreensão dessa relação desigual. Primeiramente, como uma jogada política, a figura feminina foi elemento central para a construção de um projeto nacionalista africâner, no qual a mulher africâner representou a “mãe da nação” – *volksmoeder* (BRINK, 1990). A construção de um nacionalismo encabeçado por homens foi mais um passo para as circunscrever em espaços públicos específicos. Como nota Louise Vicente (1999), os homens africâneres detinham demasiado controle político, insuficiente para impedir a agência social de outros indivíduos que não se inseriam diretamente neste grupo.

Estas mulheres buscaram formas de se expressarem e alcançarem seus objetivos. A entrada no mercado de

trabalho foi um dos caminhos possíveis para atender aos seus interesses, com um crescimento desse movimento na década de 1920 (HYSLOP, 1995). Sair para trabalhar era também uma possibilidade de estar em contato com novos elementos, participar de circuitos, conhecer e ocupar novos espaços. Algumas mulheres, sobretudo aquelas que tiveram a oportunidade de ter uma educação escolar, se articularam politicamente a níveis partidários. Inglesas, mas não só, disseminaram no território sul-africano ideias liberais e sufragistas, e, paulatinamente, conquistou adeptas africanas, que encontravam na esfera política institucionalizada uma forma de reivindicar suas demandas (WALKER, 1991). Esses movimentos também devem ser relacionados com a importância da representatividade. Mesmo a pequenos passos, estas aberturas marcam a potencialidade e formas de atuação dessas mulheres. Essas ações, de certa forma, corroía e confrontavam o patriarcado colonial tangente na região.

A imagem da mãe de Coetzee pode ser entendida a partir de um tom crítico, fruto do contexto de inserção. No entanto, esta interpretação não deve desconsiderar a relação construída com os outros personagens e os emblemas subservientes a visão caricatural, juntamente da intenção do autor em realizar esta construção, ou seja, a forma inteligível escolhida para ordenar os eventos pregressos (BOURDIEU, 2006). Soma-se, por acaso ou não, à esta figuração do feminino, uma correspondência ao contexto, em que as mulheres, e neste

caso as mulheres brancas, foram também atingidas pela atmosfera opressora do patriarcado. Pode ser que a criança/personagem Coetzee não tenha, intencionalmente, disposto de uma interpretação intencional de gênero para criar seu personagem materno, uma vez que o pai também recebe críticas e participa dos conflitos das relações familiares, mas a correspondência de tal tendência possui marcas na concretude histórica.

## 2 Uma leitura sobre raça em *Infância*

A dimensão segregacionista afeta, consideravelmente, a caracterização dos personagens e suas disposições na trama. As medidas de segregação no território podem ser mapeadas antes mesmo da constituição política da União Sul-Africana em 1910 (ROSS, 1983). Africanas e africanos, aparecem na descrição como nativos. Na série de eventos transpostos, poucos são retratados, dentre os quais a maioria são homens. Na história, o pequeno Coetzee conheceu quatro africanos ao longo de sua infância, apresentados gradativamente na narrativa. Do primeiro, se lembra mal: “limpava as escadas do edifício em que morava em Joanesburgo” (COETZEE, 2010, p. 61). Fiel, a segunda, lavava suas roupas. O terceiro, como Fiel, conheceu em Plettenberg Bay. A diferença entre ele e os africanos é demarcada por uma relação hierárquica, baseada na diferença racial.

Não há o compartilhamento da mesma categoria de sujeito dentro de uma sociedade afetada por um racismo estrutural (ALMEIDA, 2020). A localização desses personagens na história sinaliza uma diferença, tanto pela quantidade de pessoas que conhecia, quanto pelo cargo que eles e ela ocupavam. Em certos aspectos, cria-se um lugar comum para os africanos. A relação com essas pessoas, quando comparado com as construídas com outros indivíduos – como os meninos brancos que não gostava na escola, que era opcional conviver ou não, gostar ou não – possuem especificidades, pois os africanos são marcados na trama por uma limitação social, construída, mas sugerida como de existência dada.

Na escrita, as crianças africanas também aparecem portadoras de uma única identidade. Poderiam frequentar a escola até aproximadamente 10/11 anos e em seguida abandonavam os estudos para serem inseridas no mundo do trabalho. Eddie ilustra esse argumento, era um menino africano que trabalhava para eles nos afazeres domésticos. De modo geral, o personagem Coetzee não sabia quando os africanos deixavam de ser crianças para se tornarem adultos, “parece acontecer tão cedo e tão de repente: num dia eles estão brincando, no outro saem com os homens para trabalhar e estão na cozinha, lavando pratos” (COETZEE, 2010, p. 80).

Eddie, além de figurar o exemplo de crianças africanas, foi utilizado para expor a visão preconceituosa impregnada no pai de Coetzee, que via o menino como:

“a cabeça mais dura que a dos brancos [...] por isso são tão bons no boxe. Pelo mesmo motivo, nunca serão bons em rúgbi” (COETZEE, 2010, p. 71). Coetzee nunca tinha ido a Idas’s Valley, local em que Eddie morava. Mas imagina ser um lugar “frio e úmido”, sem luz elétrica, com o teto vazando (COETZEE, 2010, p. 71).

O imaginário é a munição, as palavras o gatilho e as ações a materialização desse conjunto, que muitas vezes, certamente, atinge ao alvo. Para Manuel Rui (1987) o texto é a outra arma, um espécime de canhão. A ideia formulada sobre alguém, ou um povo, pode ser um caminho perigoso de percorrer. Chimamanda Ngozi Adichie (2019) destaca os perigos de uma história única, em que a narrativa constrói um imaginário que não fica restrito ao plano das ideias, mas encoraja *ações e*, em muitos casos, estereótipos – potência de condenar alguém e um povo a um único lugar. Neste caso, é interessante notar que o lugar ocupado por Eddie era o da subalternidade, da inferioridade, da pobreza. Os traços definidores de quem Eddie era dilacerava sua história, usurpava sua cultura e sua agência enquanto indivíduo. Este mesmo tema aparece nas reflexões de Toni Morrison (2019), quando o outro passa a ser considerado como estrangeiro e, neste caso, soma-se a racialização ao estrangeiro. Daí, delimita-se não só quem é o outro, mas os próprios parâmetros fundantes de quem construí as ideias sobre este outro.

Existiam duas famílias de africanos em Voelfontein. Um funcionário de longa data, Outa Jaap, que deixou seu

filho Ross, como herdeiro deste trabalho. Outa Jaap “fazia parte da fazenda”, “veio com ela”, uma ordem forçosamente natural (COETZEE, 2010, p. 78). Quando Coetzee visitou outra fazenda (Worcester) percebeu que a situação dos africanos poderia ser ainda pior, eles precisavam “suplicar por qualquer coisa”. Seu imaginário infantil nutria uma curiosidade sobre estes trabalhadores, que ainda sem assumir, são o tempo todo tidos como diferentes – estrangeiros. Como se fossem portadores de um exotismo, *in natura*. Ele queria saber como viviam: “usam camiseta e cueca como os brancos? Há uma cama para cada pessoa? Dormem nus, com as roupas de trabalho, ou têm pijamas? Fazem refeições decentes, sentados à mesa, com garfo e faca?” (COETZEE, 2010, p. 79).

As diferenças ficam visíveis em várias exposições. Em um dia de caça, sem sucesso devido a bala presa no cano da arma, John Coetzee foi para casa. Na ausência de seu pai e tio, pediu ajuda para Freek, um dos empregados. O desfecho é mais uma vez arraigado do racismo, frente a imediata reprovação e repreensão de seu tio. Um africano não poderia pegar em uma arma “você não deve pedir para eles tocarem em armas. Eles sabem que não devem” (COETZEE, 2010, p. 84). Crianças na prática de caça detinham o direito de utilizarem uma arma, mas africanos adultos não poderiam.

As situações apresentadas retomam o cultivo da ideia do estranhamento e não identificação em relação aos africanos. Pode ser o caso de demonstrar, além do lugar condicionado a construção racial da época, o

cotejamento de uma condição de mito que recai sobre a população africana, com o intuito de aprofundar as distâncias entre brancos e africanos, ressoando no objetivo de “escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história” (SOUZA, 2021, p. 54).

Um personagem que quebrou, em certos aspectos, o padrão seguido na descrição dos africanos, aparece com o sr. Golding, por ocupar uma posição de poder sobre o pai de Coetzee. Esta distinção, e ratificação do mito racial, pode ser vista em uma situação quando Golding vai a casas dos Coetzee conversar sobre os negócios. Ele é recebido na sala de jantar e lhe oferecem uma xícara de chá:

Depois que ele sai, há uma discussão sobre o que fazer com a xícara de chá. O costume, ao que parece, é que quando uma pessoa de cor bebe numa xícara, ela tem de ser quebrada. Ele fica surpreso que a família da mãe, que não acredita em nada, acredite nisso. No entanto, afinal, a mãe apenas lava a xícara com alvejante (COETZEE, 2010, p. 143).

Ainda que Golding tivesse uma posição de poder superior ao pai de Coetzee, há um ordenamento que impõe limites operacionalizados por meio do racismo. Sua presença é atestada como uma forma de demonstrar os comportamentos do cotidiano, em que a violência simbólica e material podem ser verificadas no simples ato do compartilhamento de uma louça. No tangente a classe, caímos na base material que além da situação

desfavorável da maioria dos personagens africanos da narrativa, como prestadores de serviço, são também sujeitos em um sistema de subjugação, que recorreu a atitudes diárias para demarcar diferenças, expressões de um sistema que Achille Mbembe denomina como “loucura codificada” (MBEMBE, 2018, p. 13).

O momento que mais se afasta desses padrões de estereótipos, e não se sabe até que ponto para criar outro, dá-se com o encontro na praia com um “velho de barba grisalha e colarinho de pastor”. Para este personagem o mar era mais forte do que “qualquer coisa que o homem possa construir”. Sua fala *é lida* em paralelo a opinião de sua mãe; “é possível respeitar os nativos [...]. É um grande alívio para ele escutar isso, ter essa confirmação” (COETZEE, 2010, p. 62).

### 3 Identidade política em *Infância*

Críquete e rúgbi são os esportes que movem o seu pai na torcida, fazem parte de uma experiência coletiva em vivenciar a dinâmica de uma partida. Ambas modalidades possuem uma ligação em comum: o colonialismo inglês. Como um movimento que atingiu de muitas maneiras o continente africano, o colonialismo foi pano de fundo para o desenvolvimento de dinâmicas e ações que envolveram diferentes sujeitos históricos. Ainda que ligados a uma mesma metrópole, as administrações ficavam à mercê das necessidades dos territórios,

gerando experiências diversas. Ao alterar percursos econômicos, políticos e dinâmicas sociais, o colonialismo foi um movimento que também afetou as formas como os africanos enxergavam a si mesmos, como uma ação assertiva às suas subjetividades e interações com o mundo ao redor (KHAPOYA, 2015).

No caso da África do Sul a influência e presença do colonialismo inglês, que aparece em momentos da obra de Coetzee, sobretudo de uma forma tímida, abriu frentes de disputas com os diversos grupos de africanos que residiam no local, e também com os grupos, paulatinamente, considerados como africanos. Deste ponto, reside uma especificidade atenuante, sobrevivente dos contatos com descendentes de colonizadores da região no *século XVII*. A disputa pelo controle do território culminou em guerras, as Guerras Sul-Africanas, e a posterior formação da União Sul-Africana em 1910 (THOMPSON, 1990).

O cenário social da década de 1940 contava com a presença de indivíduos que carregavam consigo distintas origens e trajetórias, imersos nas alterações advindas das transformações políticas e econômicas. A lei de terras de 1913 e o desenvolvimento da industrialização e mineração, geraram ondas crescentes de migração e o adensamento de áreas urbanas. A pujança dos novos circuitos afetava a vida de todas e todos. O menino que entre as décadas de 1940 e 1950 andava de bicicleta, marcada pelo emblema da “*British Small Arms*”, teve contato com diferentes referências e escoou

tempos depois em sua escrita percepções denunciativas deste quadro.

No livro aparece a seguinte classificação das pessoas: “os brancos, as pessoas de cor e os nativos” (COETZEE, 2010, p. 62). Coetzee teve contato com meninos brancos, meninos judeus, meninos africanos, meninos ingleses e “crianças de cor” (COETZEE, 2010, p. 68). As identidades marcadas pelas relações do período não se esquivam dos dilemas infantis do personagem. O julgamento se estende em colocar de modo explícito a antipatia com os africanos. Os meninos africanos eram causadores de desastros, ele “teme e despreza” estes meninos “fortes e descalços” que usam “shorts justos”. Teme ter que compartilhar a sala de aula com eles, uma vez que se considerava inglês “apenas por um lado”. Para ele, os africanos são vistos como *“pessoas que sentem ódio o tempo todo por terem o coração partido” diferentes dos ingleses, que “vivem atrás de muros e sabem proteger seus corações”* (COETZEE, 2010, p. 69). Sua preferência pelos ingleses é marcante. Apoiava os ingleses durante as guerras; os africanos, com suas “longas barbas e roupas feias”, atiravam de emboscadas, enquanto os ingleses “marcham para a morte” (COETZEE, 2010, p. 63)<sup>2</sup>.

---

2 Neste momento, faz-se referência às Guerras Sul-Africanas, também conhecidas em algumas literaturas como “Guerras Anglo-Africanas”. O segundo termo é criticado, segundo Paul Maylam (1986), uma vez que as guerras envolveram outros indivíduos, partícipes de diferentes formas, como os africanos.

Em contraposição ao pai, ele preferia ler autores como P.C. Wren a Shakespeare. A valorização de autores a clássicos de uma época, como o caso de Shakespeare, é característica de um momento atingido por publicações que transportavam para as colônias as insígnias da metrópole – ainda que o território sul-africano não tenha passado por um modelo de colonização como outros territórios do continente, é possível destacar a influência desse contexto mais amplo<sup>3</sup>.

As representações forjadas remetem a símbolos que faziam parte do imaginário de indivíduos em determinado tempo e espaço. Na obra de P. C. Wren encontramos um escritor inglês que buscou criar no universo colonial a figura do homem branco explorador, assíduo nos propósitos da sua investida em “terras desconhecidas” – um perfil que se tornou corriqueiro naquele período. Esta visão também retém indícios semelhantes na análise de Anne McClintock (2010) ao demonstrar a reverberação do olhar masculino sobre a construção do arquétipo colonial e as diferentes tendências assumidas para se efetivar a colonização.

A dimensão conflitiva que integra o personagem Coetzee, perpassa sua família e diz respeito à sua identificação. John, nome que só é revelado na página

---

3 Esse movimento também pode ser sentido ao inverso, com produções realizadas sobre as colônias para criar um imaginário nas metrópoles. Como realça Frederick Cooper (2016), o conceito de colonialismo é utilizado pois abarca um projeto ideológico. Assim, como demonstra Anne McClintock (2010), as histórias coloniais passaram a fazer parte da vida europeia. A publicação *As minas do Rei Salomão* foi um dos livros mais vendidos do período.

95, na escola estudava figuras históricas relacionadas aos acontecimentos políticos, como Jan van Riebeeck, Simon van der Stel, Lorde Charles Somerset e Piet Retief. Assume não entender o motivo da categorização de Lorde Charles como uma figura negativa, enquanto Riebeeck e Stel eram bons, pondo à tona as rugas das representações entre ingleses e africanos. Durante seus anos de formação ocorria o fortalecimento da identidade africano no território, estruturada em torno de movimentos nacionalistas. Como ressalta, os escritos sobre os feitos africanos foi uma ruptura com as narrativas que os ingleses defendiam. Estes contrastes são encobertos pelo esforço em recorrer ao passado, em busca de símbolos funcionais para endossar uma identidade em comum, como visto pela valorização do “herói” Wolraad Woltemade. Há a apresentação de modo crítico de outras figuras emblemáticas como: Dirkie Uys, “que cavalgou até o seu cavalo morrer” Piet Retief “que foi enganado por Dingaan” e Voortrekkers que se vingavam fuzilando milhares de zulus desarmados e se orgulharam disso (COETZEE, 2010, p. 100).

O clima político é tingido pela visão de uma criança, que vê na instauração do apartheid em 1948 mudanças em sua vida. O pai era do Partido Unido. “Foi por causa de Malan que eles precisaram deixar a casa em Rosebank” (COETZEE, 2010, p. 64). Ainda leal ao Partido Unido, mesmo após a morte de Smuts, desacreditava que a liderança nas mãos de Strauss pudesse

garantir a reeleição. Na visão do garoto, Malan assumir o poder em 1948 significou restrições, como banir as revistas do Capitão Marvel e do Super-Homem. Enquanto na prática, a institucionalização do apartheid foi a perpetuação de um projeto de segregação, que criou novas medidas e intensificou outras que já existiam no território.

Pertencer ao grupo dos ingleses ou africanos é a demanda presente de sua jornada infantil. Há uma tentativa constante em ratificar o desgosto dos valores dos africanos em detrimento dos ingleses. Se orgulha dos pais por falarem inglês e por conseguir sempre ser o primeiro da classe em inglês, ele se considera inglês. “Embora seu sobrenome seja africaner, embora o pai seja mais africaner que inglês, embora ele mesmo fale africaner sem sotaque inglês, jamais poderia passar por um africaner” (COETZEE, 2010, p. 114).

Há ainda um jeito típico dos africanos – uma arrogância, uma intransigência e, não menos, uma ameaça de força física (eles os imagina como rinocerontes, enormes, poderosos, chocando-se uns com os outros quando se cruzam) – que ele não compartilha e que, na verdade, o intimida (COETZEE, 2010, p. 114).

A dualidade em ter que conviver com algo, que de alguma forma pertence a si, é uma maneira de lidar com as contradições inerentes ao sujeito em seu coletivo, a tempo que aflora interesses e necessidades individuais.

Quando fala africânder, todas as complicações da vida parecem desaparecer rapidamente. O africânder é com um involucro espiritual que o acompanha por toda parte, em que ele pode entrar e tornar-se imediatamente outra pessoa, mais simples, alegre e suave (COETZEE, 2010, p. 115).

O facilitador, que o afasta do sentimento de pertença a um grupo, o aproxima de outro que não consegue se livrar. A não aceitação, a crítica ao comportamento – talvez desejo latente da memória no tempo da escrita e da criação da imagem, bem tratadas pelo tempo – reitera este ponto: “[...] a ideia de ser transformado num menino africânder, de cabeça raspada e descalço, o faz tremer. [...] se fosse africânder, teria de viver cada minuto de cada dia em companhia de outros. É uma perspectiva insuportável” (COETZEE, 2010, p. 116).

## 4 Considerações finais

Este texto partiu de uma relação com a obra *Infância* de Coetzee. Inclinada a olhar com atenção a metáfora assinalada por Chinua Achebe, denunciativa das visões reducionistas sobre o continente africano, que torna possível considerar lugares em África como: “antiga árvore na beira de uma estradinha muito utilizada, mostra em sua casca incontáveis cicatrizes de facão” (ACHEBE, 2012, p. 95).

Das cicatrizes marcadas na árvore, em analogia ao território da atual África do Sul, a leitura sobre experiências

de um menino, ao longo de seus primeiros anos, demonstra os vestígios de um tempo de bruscas alterações, tangente a todas e todos, frente ao crescimento das medidas segregacionistas. Visitamos este período a partir das palavras e memórias de um autor que parte de si para construir os dilemas de um personagem, que divide com o seu criador o lugar da subjetividade.

O ordenamento dos acontecimentos, apresentação dos personagens e tratamento do cenário são indicativos de uma intencionalidade, de um propósito de dialogar com determinado tempo e espaço. Investigamos, deste modo, nesta escrita alguns traços, como raça, gênero e identidade são importantes para se entender o processo de representação sobre o passado. Ainda que a narrativa literária contemple a possibilidade de abordagens múltiplas, ganha nota a importância de como as representações são construídas, para que suas potencialidades sejam marcas menos nocivas naquela árvore que já recebeu diferentes cortes de facão.

## REFERÊNCIAS

- ACHEBE, Chinua. *A educação de uma criança sob o protetorado britânico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. São Paulo: Jandaíra, 2020.
- AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BRINK, Elsabé. Man-made Women: gender, Class and the Ideology of the Volksmoeder. In: WALKER, Cheryl (org.). *Women and Gender in Southern Africa to 1945*. Cape Town: David Philip, 1990.
- COAD, David. Boyhood: Scenes from Provincial Life by J. M. Coetzee. *World Literature Today*, v. 72, n. 2, p. 442-443, 1998.
- COOPER, Frederick. *Histórias de África: capitalismo, modernidade e globalização*. Lisboa: Edições 70, 2016.
- DUBOW, Saul. *Apartheid, 1948-1994*. New York: Oxford University Press, 2014.
- ECO, Umberto. *Sobre a Literatura*. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- FUENTES, Carlos. *Geografia do Romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GOMES, Raquel Gryszczenko Alves. *De Espinhos e Agulhões: segregação e lei de terras na obra de Sol Plaatje*. 2015. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

HEAD, Dominic. *The Cambridge Introduction to J. M. Coetzee*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

HYSLOP, Jonathan. White Working-Class Women and the Invention of Apartheid: 'Purified' Afrikaner Nationalist Agitation for Legislation against 'Mixed' Marriages, 1934-1939. *The Journal of African History*, v. 36, n. 1, p. 57-81, 1995.

KHAPOYA, Vincent. *The African Experience*. New York: Routledge, 2015.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LOUREIRO, Ángel. Problemas teóricos de la autobiografía. *Suplemento Anthropos*, Barcelona, n. 29, 1991.

MBEMBE, Achille. *Crítica a razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2015.

MORRISON, Toni. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 3, 1989.

ROSS, Robert. *Cape of Torments: Slavery and Resistance in South Africa*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1983.

RUI, Manuel. Eu e o outro: o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto. In: MEDINA, Cremilda. *Sonha Mamã África*. São Paulo: Epopéia, 1987.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

THOMPSON, Leonard. *A History of South Africa*. New Haven: Yale University Press, 1990.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

VINCENT, Louise. A Cake of Soap: The Volksmoeder Ideology and Afrikaner Women's Campaign for the Vote.

*The International Journal of African Historical Studies*, v. 32, n. 1, p. 1-17, 1999.

WALKER, Cherryl. *Women and Gender in Southern Africa to 1945*. Cape Town: David Philip, 1990.